



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0551909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>134</b>
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091016</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>220</b>
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>249</b>
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091024</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>259</b>
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>274</b>
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>287</b>
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>296</b>
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>308</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>309</b>

## APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE

**Fernanda da Silva Araújo Mélo**

Colégio de Aplicação- Universidade Federal de  
Pernambuco

Recife-Pernambuco

PPGARc – Universidade Federal do Rio Grande  
do Norte

Natal- Rio Grande do Norte

**RESUMO:** Este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado em andamento “Narratriz/docente: experiências de formação artístico-pedagógica de uma contadora de histórias em fricção com Escola”, que vem produzindo cartograficamente relações entre a performance narrativa e o aprender/ensinar teatro na educação básica. Neste artigo trazemos narrativas de tornar-se artista/docente em diferentes momentos de uma trajetória, escolhidas a partir do viés da experiência (LARROSA, 2014). Em diálogo com estudiosas/os do campo da Pedagogia Teatral e da Narração de Histórias, realizamos uma imersão em cada experiência contada para elaborar reflexões sobre os diferentes percursos e personagens numa formação artístico/pedagógica com foco na linguagem teatral.

**PALAVRAS-CHAVE:** artista/docente;  
pedagogia teatral; teatro na escola

### TEACHING THEATER AT SCHOOL: SELF NARRATIVES FOR (RE) CREATION AS ARTIST / TEACHER

**ABSTRACT:** This work is part of the ongoing master’s research “Narractress / teacher: experiences of artistic-pedagogical training of a storyteller in friction with School”, which aims to produce cartographic relations between narrative performance and learning / teaching Theater in basic education. In this article we bring narratives to become artist / teacher in different moments of a trajectory, chosen from the bias of experience (LARROSA, 2014). In dialogue with the experts of the field of Theatrical Pedagogy and Storytelling, we immerse ourselves in each experience told to elaborate reflections on the different paths and characters in an artistic / pedagogical formation focusing on theatrical language.

**KEYWORDS:** artist/teacher; theatrical pedagogy; theater in school

### 1 | PRIMEIRA PERSONAGEM A ENTRAR EM CENA: ESCOLA

Há muitas histórias para serem contadas sobre a escola, na escola, com a escola. Nesta história, *Escola* é personagem, com contradições, inferências e dúvidas, por isso,

ao longo do texto *Escola* como personagem será grafada iniciando com a primeira letra maiúscula e em itálico e quando quisermos nos referir ao espaço escolar a partir de um contexto mais geral, será grafado em letras minúsculas. Com percursos, desejos e vontades, incerta como todos nós, com angústias, alegrias, inquietudes e atravessamentos. *Escola* nasce, cresce, reproduz e morre. Ou morre, nasce, reproduz e cresce. Cresce, nasce, morre e reproduz? Como cada ser que já passou por uma, como eu, narratriz/docente inventando esta personagem.

Narratriz/docente é um conceito que está se caracterizando na minha pesquisa de mestrado e que emergiu como singularização da percepção de ser artista/docente, primeiramente na escolha por trazer o termo artista/docente e circunscreve-lo no âmbito da educação básica. O termo foi proposto pela artista/docente Isabel Marques (2011) em sua pesquisa de doutorado e vem sendo abordado comumente quando se trata de atividades docentes em contextos não-formais ou ainda no contexto do ensino superior, com artistas que se veem no papel de adentrar à docência. Porém, ao longo do tempo, a autora e outras/os pesquisadoras/es foram percebendo as circularidades entre estes dois saberes-fazeres. É por acreditar nesta circularidade e na urgência de habitarmos o espaço escolar nesta intenção que me sinto atravessada por este conceito, assim como pelo desejo de habitar artisticamente com *Escola*, sabendo das movências que a atividade artística profissional proporcionou ao meu ser docente e vice-versa.

Em narrativa brincante, as palavras vão se juntando para dizer histórias de diferentes aspectos e perspectivas da trajetória de uma professora de teatro e contadora de histórias, que na busca por aquarelar a si nas ações de ser artista/docente vem se re/conhecendo como narratriz/docente, em diferentes movimentos e fatos, não necessariamente lineares e consequentes, mas numa perspectiva da experiência, que

“seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe , de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da própria existência corporal, finita, encarnada no tempo e no espaço, com outros.” (LARROSA, 2014, p.43)

Em diferentes espaçostempos, a minha existência corporal foi se construindo, também nas relações com *Escola*. Na cidade de Caruaru, estado de Pernambuco, no nordeste brasileiro, se inicia minha trajetória em Arte, enquanto estudante das aulas de teatro no grupo do Colégio Sagrado Coração (CSC), participando de peças e apresentações artísticas na escola e em festivais estudantis de Teatro da cidade. Nesta época, estudei com um professor apaixonado por esse fazer, Márcio Maracajá, com quem tenho contato até hoje e que nos proporcionava exercícios na função de estudantes-atrizes/atores, que abrangiam a interpretação, o contato com textos dramáticos de diferentes dramaturgas/os brasileiras/os, além da compreensão dos elementos sensíveis (visuais, sonoros, táteis) do espetáculo. Neste processo, que podemos inserir no campo da Pedagogia Teatral, “um campo no qual não há uma atitude única, que não se caracteriza como um bloco uno e uniforme, mas com

disparidades, confrontações, descontinuidades” (ICLE, 2007,p.1), pude viver a formação mais impactante da minha vida, quando fui marcada profundamente por estas experiências, a ponto de não conseguir viver uma trajetória profissional que não as contemplasse.

Lili inventa o mundo (1998), A bruxinha que era boa (1999), A menina e o vento (2000), O boi e o burro a caminho de Belém (2000) e O livro de Enquivuck (2001) foram alguns dos espetáculos brincados em mim enquanto fazia parte do grupo de Teatro do CSC, dos 11 aos 14 anos. Especialmente as personagens Lili, Ritinha, Bruxa Fredegunda, A menina, Urgl, Rainha Maga, com seus ditos e não ditos corporais, sonoros, memoriais inscreveram em minha pele sensações, percepções, sabedorias da arte teatral que acompanham até hoje as narrativas de ser artista/docente, compondo corporalidades que permanecem em ressonância nas ações artístico/pedagógicas que se criam e recriam constantemente.

Ao escolher narrar estas memórias, instantes e personas da trajetória como artista/docente proponho instaurar a narração como anuncia o filósofo alemão Walter Benjamin quando discorre sobre as pessoas que narram:

comum a todos os narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens. (BENJAMIN, 1994,p.215)

Assim, vivendo o fazer artístico da narração de histórias e do teatro em diferentes momentos, imagino uma escada que explode e espalha degraus entre nuvens, mares, florestas, poesias, onde posso me transportar de um ano a muitos, de uma situação a um segredo, da relação corporal com a história sendo narrada e com a ação docente se per/formando.

Sigo, então, entrelaçando as narrativas com perguntas : o que me fez apaixonar pelo teatro quando criança? Em que momentos isto se conecta com a per/formação de uma artista/docente na linguagem do teatro? Nesta trajetória, percebo que encontrar *Escola* sempre me foi inquietante. Por vezes, imperativa, noutras acolhedora, havia sempre o que descobrir com ela. Um olhar cativante, um abraço apertado. *Escola* parecia me sussurrar que ficaríamos juntas para sempre, como princesas apaixonadas. Além disso, sou filha de professora de Língua Portuguesa e as atividades cotidianas da profissão da minha mãe me chamavam a atenção, principalmente o planejamento de aulas que envolviam a literatura, mais especificamente, a poesia, o que me constitui e reverbera nas práticas artístico/pedagógicas, objetiva ou subjetivamente, todos os dias.

## **2 | AÇÕES DE PER/FORMAÇÃO ARTÍSTICO/PEDAGÓGICA: TRÂNSITOS ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Na minha formação acadêmica inicial, a Licenciatura em Educação Artística

com habilitação em Artes Cênicas na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2008-2013), *Escola* permanecia ali, dentro de mim e a universidade, começava a se mostrar um espaço para construir um percurso profissional que envolvesse Teatro e Educação. Ainda que as narrativas sociais contribuíssem para acreditar que essa relação por si só já era esgotada. “*Você não vai dar aulas de teatro na escola, não há espaço para isso*” Escutei esta sentença muitas vezes durante a licenciatura, dita por diferentes personagens e ela até hoje me vem quando componho narrativas sobre aprender/ensinar Teatro na educação básica. Porém, contrariamente, meu percurso como artista/docente na educação básica se iniciou ainda como discente do curso de licenciatura, com atuação na componente curricular obrigatória Teatro em escolas da rede privada de ensino.

O tão esperando reencontro com *Escola* aconteceu ao ser aprovada num processo seletivo para uma escola da rede privada que estava iniciando as atividades naquele ano e que se localizava na região metropolitana de Recife-PE. O componente curricular Teatro seria parte obrigatória das atividades de todas as crianças, porém, não havia sido solicitada sua inclusão na proposta curricular construída por uma equipe pedagógica contratada, diferentemente das linguagens das Artes Visuais e da Música. Assim, tive que desenvolver uma proposta curricular para a atuação da componente naquele espaço e este desafio foi essencial para perceber *Escola* como um organismo vivo e o Teatro como parte desse organismo. No entanto, também me trouxe inquietações políticas do nosso campo por estar sendo contratada da mesma forma que as/os demais docentes, ter as mesmas tarefas a serem desempenhadas, mas ver a linguagem com a qual trabalharia tinha uma limitação com relação aos documentos que foram produzidos para as demais componentes.

Ao concluir a graduação, assumi como docente da componente Teatro em duas outras escolas, também da rede privada e na região metropolitana do Recife. Em uma delas havia aulas de Teatro há mais de 20 anos, com sala de aula composta por palco, figurinos e elementos visuais e sonoros, além de ter uma equipe vasta de Arte, com coordenação especializada na área. O trabalho realizado era com a Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o que existia como proposta curricular eram documentos de professoras/es anteriores com planejamentos e objetivos, que contribuíram para organização de uma proposta própria, para a qual contribui também o currículo vivo que se apresentava nas falas, observações, movimentos, ações dos docentes e discentes da instituição. Neste lugar vivi outras experiências com a linguagem teatral, assinalando um novo aspecto na minha formação como artista/docente: trabalhar com uma coordenação presente no cotidiano das aulas trazendo sugestões de leituras, observações e questões sobre as práticas para reflexões conjuntas. Esta coordenadora, formada na Licenciatura em Ed. Artística/ Artes Cênicas era também professora de Teatro das turmas do 2º ao 5º ano dos anos iniciais do Fundamental nesta escola e em escolas da rede municipal, além de ter experiência com a gestão, o que produzia narrativas

e ações a partir de suas experiências e modos de fazer, que tinham localização no chão da escola. O que aprendi com ela, reverbera nas palavras de Ferraz e Fusari (2010) quando discorrem sobre o “saber ser professor de Arte”, aqui especificamente na linguagem teatral:

No caso do professor de Arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa *saber arte e saber ser professor de arte*. Mas, o que é esse conhecimento? O que é ser professor de arte? É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos [...] (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 51, grifo das autoras)

Percebo esta construção do professor de arte, do artista/docente como produção em conjunto, com trânsito entre as aprendizagens da formação inicial e os elementos que a prática profissional vai proporcionando. Encontrar Gisélia Sátiro, a quem carinhosamente todos chamam Delinha trouxe uma marca para o meu percurso neste lugar de quem reconhece a arte como conhecimento, que atua a partir desta perspectiva e que tinha na cultura pernambucana um dos pilares de sua atuação. Isto foi essencial para minha formação artístico/pedagógica.

Neste lugar de narrativa que proponho, observo que a necessidade que se apresentou desde o início da minha atuação profissional de pensar elementos como currículo, avaliação, planejamento em Teatro me fez relacionar com *Escola* de forma distinta. Reflexões que me acompanhavam e ainda acompanham : como lidar com uma concepção de aprender/ensinar teatro a partir da experiência ? Buscando pistas para criação e recriação desta atuação como artista/docente, observo as palavras do pesquisador Gilberto Icle:

quando se diz sobre a transformação, a tomada de consciência ou a necessária conversão a si de que o processo teatral é protagonista, fala-se do ponto de vista do praticante, do jogador, do atuator, daquele que personifica, brinca, joga, interpreta, atua, representa a outro que não a si, encontra-se num estado de presença, de espetacularidade, de performance. (ICLE, 2007, p.11-12)

Na segunda escola que atuei após graduada, havia a seguinte realidade: componente curricular obrigatória Teatro, desta vez com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Aqui, os caminhos se construíram de outra maneira, pois as práticas artísticas que poderiam acontecer com/para esta faixa etária, especificamente desta escola, com seu perfil e ideias eram completamente diferentes da outra. Desde o início, fui desafiada a ser /estar encenadora. O que foi um grande conflito na época. Passei a graduação inteira questionando o fato de que as escolas, no geral, quando acolham as linguagens artísticas só focavam nos produtos. Eu não queria ser mais uma artista/docente a trabalhar para ficar criando peças que seriam apresentadas uma única vez, sem relevância para as/os estudantes. Porém, aos poucos fui percebendo o espaço que a arte tinha na formação das crianças desde

a Ed. Infantil naquela escola e fui me perguntando: como vivenciar um processo artístico, intenso, questionador, mobilizador para mim e para elas/eles? Encontro hoje, nas palavras da pesquisadora Célida Salume Mendonça, a síntese de como compreendo minha atuação naquele lugar:

De posse, então, de todo material produzido pelos alunos a partir do objeto problematizador - pré-texto (exercícios, jogos, improvisações, imagens congeladas), combinado de diferentes formas, o professor-encenador media e redimensiona “alinhavando” essas situações. Assim, a experiência criativa pode ser compreendida em três momentos: experimentar, selecionar e organizar, dando por fim, visibilidade ao objeto cênico (MENDONÇA, 2007, p. 243)

Foram espaços diferentes, com pessoas distintas, que foram trazendo narrativas diversas e me proporcionando estar em trans/formação na educação básica, com elementos para pensar a prática de aprender/ensinar Teatro, assim como fazer isto a partir da paixão, afeita a singularidade. “A experiência é sempre singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão.” (LARROSA, 2014, p. 68) Neste contexto e conhecendo a imagem estática que muitas vezes se forma ao discutir a presença do teatro na escola, construída na própria universidade, de forma que se reduz a aspectos não-criadores palavras como texto, repetição, direção, marcação de cena (quando existem) e ainda tendo vivido uma experiência inicial com a linguagem teatral que continha essas palavras, penso que propor palavras-jogo como corpo, cena, espaço-tempo, encenação, possibilita desdobramentos inclusive para dar outros significados às palavras anteriores, abrindo lugar para questioná-las e vivenciá-las de maneira mais rizomática, entendendo que elas têm seu espaço na compreensão de saberes teatrais. Isso requer uma movência constante diante da educação e das práticas que se escolhe para com ela se relacionar, de modo que se possa estar aberta as potencialidades dos acontecimentos, dos devires, do que pode vir a ser e estar disposta a manter-se atenta e pronta a agir e mobilizar em si afetos e atravessamentos que proporcionem fluidez e recriação no ser artista/docente.

Nos meus trajetos, um dia encontrei *Escola* chorando, me pediu um abraço e eu dei. Silenciosa, com pouco orgulho de si e massacrada, não fazia nada mais que rastejar. E, como “para deter aquele que rasteja, é preciso coloca-lo num buraco, plantá-lo num vaso, nos quais, não podendo mais agitar seus membros, agitará, entretanto, algumas lembranças.” (DELEUZE, 1992, p.233), reconhecendo as lembranças, memórias plantadas e colhidas, da sorte de poder ir embora, fui. Abandonei *Escola* morta, sem nenhum aconchego ou funeral. Continuei a caminhada. Também deixei um tanto de mim para trás com ela. Aquela micro eu precisava ser abandonada, já estava esgotada de si. Queria estar em outros territórios, com outras pessoas e conexões. E olhando para estes momentos da minha trajetória, pergunto: quando consideramos a/o outra/o na nossa trajetória? De que forma nós movemos as nossas trajetórias transpassadas, atropeladas, compartilhadas, ressonantes? O que modifica nossa trajetória a ponto de dar novos sentidos as ações que já estavam

ali?

### 3 | CONTAR HISTÓRIAS: RECRIAÇÃO DA ARTISTA/DOCENTE E REVERBERAÇÕES NA SALA DE AULA

Neste ponto, retomarei um degrau de minha escada per/formativa como artista/docente: conhecer a linguagem artística da contação de histórias já na etapa final da graduação trouxe-me uma nova singularidade, paixão: contar/narrar histórias. Vou contar então do olhar e som que me fizeram conhecer a contação de histórias. Num projeto da licenciatura em Artes Cênicas/UFPE, realizado pelas/os estudantes (com a participação de egressos) chamado Semana de Cênicas, uma mulher e sua alfaia fizeram ecoar dentro de mim numa oficina de Contação de Histórias, vozes artísticas que eu imaginava que habitariam apenas minhas memórias. Seu nome Adélia Oliveira, contadora de histórias, amazonense/pernambucana, que deixa as palavras criarem raízes aéreas e conversarem com ventos e nuvens. A felicidade com que a artista apresentou a tradição oral, valorizando o estar juntas/os para ouvir uma história, pautou meu percurso neste fazer pelo qual me apaixonei de imediato.

Neste fluxo, ao me re/criar artista narrando histórias, pude iniciar as ações de conceber, produzir, dialogar, encenar, contar histórias, diferente da relação que eu tinha até então com estas ações. Principalmente na vivência com as/os espectadoras/es, de modo que comecei transformar o espaço da sala de aula a partir do que vivia em cena contando histórias. Vinham junto comigo as vozes, tecidos, personagens e o convite para habitar espaços com uma energia diferente da que existia até então. Assim, a prática artística não era mais um exercício distante e externo elaborado de forma pontual, como algumas vezes vivi na formação inicial. Agora, era uma ação que tinha minhas dissonâncias e conflitos, que acionava perguntas artísticas e que mobilizava uma concepção de sala de aula enquanto criação artística. Nesta partilha, comecei a perceber as/os estudantes como atuantes do processo de aprendizagem teatral e vejo nas entrelinhas da contação de histórias, uma parte dessa aprendizagem, pois

O sentimento de unidade que o contador é capaz de propiciar, por meio de sua palavra, talvez esteja funcionando como uma das saídas possíveis de individualismo, de isolamento, de indiferença pelo outro e de intolerância com a alteridade próprios da contemporaneidade, que parece minar o reconhecimento do que há de humano numa “comunidade” de humanos: já não nos reconhecemos e entretanto somos tão semelhantes. (MATOS, 2014, p XXXII)

A circulação entre a energia de estar em cena contando histórias reverberava nas aulas de Teatro, de modo que o corpo presente no encontro com a plateia, as vozes experimentadas na ação artística iam se desdobrando e ganhando ecos nas brincadeiras com as/os estudantes. Havia uma corporalidade que se instaurava em cena e que era possível acessar na sala de aula, eram outras potências, num *entre*

lugar a ser produzido, criado e recriado. Não há aqui a intenção de estabelecer uma hierarquia, mas de dar voz a uma ressonância que parece essencial: que a sala de aula seja uma prática artística e que a cena se invente pedagogicamente e que neste ínterim se criem as mais diversas formas coletivas de atuação artístico/pedagógica. Assim, passou a me acompanhar a seguinte pergunta: Que tessituras entre o artístico e o pedagógico posso produzir? Quais as minhas cores, linhas, nós?

Nestes percursos, tem aprendizagens específicas que me foram trazidas pela atuação artística profissional contando histórias: encontrar as potencialidades de cada espectador/a, de cada grupo em escuta reunido para ouvir uma história, cabendo transpor esse respirar para a sala de aula. Que escuta cada grupo que se compõe para aprender teatro possui? Que corporalidade cada estudante carrega em si? A atitude de dilatar a escuta, de ouvir as diferentes comunidades narrativas, de construir com as pessoas presentes na performance narrativa, de desacelerar para que os encontros aconteçam. Há algo que a pesquisadora e narradora de histórias Aline Cântia Miguel aponta em sua tese sobre o educadornarrador que nos interessa relacionar aqui:

É importante, nesse contexto, compreender a possibilidade de se ensinar e aprender a arte de narrar histórias como conhecimento humano, e não apenas como expressão humana. [...] Assim, somente a partir do momento em que se compreende a arte de contar histórias como conhecimento que se torna possível entender a possibilidade do seu ensino e aprendizado. (MIGUEL, 2017, p. 152)

Desse modo, ao me colocar aprendiz da arte de narrar histórias, compreendendo-a como linguagem e, portanto, conhecimento, acabei por investigá-la corporalmente, visto que a palavra a ser narrada se produz num corpo. Então, ao brincar com o híbrido narratriz me alimento das artes narrativa e teatral, numa conversa demorada, sentada de pés em contato com a calçada, numa travessia entre acionar um corpo brincante e persistir em ação a ser per/formada com as/os estudantes da componente Teatro na educação básica. Há uma circularidade nestes ofícios, que vão se interpenetrando e proporcionando outras formas de existir e resistir com *Escola*. Nesta tarefa de ver ressoar o artístico no pedagógico e o pedagógico próprio do artístico, confluímos com os dizeres da pesquisadora Valéria G. Araújo:

Mas, compreendo que, ao longo dos anos, ao perceber a influência nítida e recíproca entre as duas, tornou-se um exercício consciente no qual eu, de propósito, empenhava-me para articular essas duas funções de modo a ampliar minhas possibilidades nos dois âmbitos- o artístico e o educacional. (ARAÚJO, 2016, p.35)

Não há como ser linear nestas memórias, por que é no movimento e euforia de um pega-pega que encontro a sensação para reuni-las, uma memória “pegando” a outra, que grita, se esconde, esbarra em outra, cai no chão, espia de recanto de olho. E, assim, as histórias (contos, textos literários, parlendas, quadrinhas) começaram a compor narrativas metodológicas, a entrecruzar os dois âmbitos. Assim, havia

um manejar nas diferentes expectativas das/os estudantes que as pesquisas e brincadeiras com a narração de histórias possibilitaram experimentar, que a voz da narratriz trazia para ir transformando artisticamente as vivências na sala de aula de Teatro. Incluído nisto aspectos como corporificar o planejamento, perceber as reações das outras docentes envolvidas no processo, registrar o desenvolvimento das/os estudantes, compor dados para avaliação com as especificidades que o uma componente artística requer.

Cores da narratriz/docente ali aquarelavam-se em diferentes ações, ao elaborar sentidos com as diversas singularidades e paixões que se encontravam, inventando coletivamente, suspendendo o tempo do eu e encontrando um tempo do nós, mas não um nós esvaziado e sem vida. Um nós, feito de nós como numa costura, ao escolher e mover linhas, agulhas, tecidos, tesouras, recorte, na ação rizomática de encontrar, de estar presente, aberta a histórias que coloriam algumas respostas para uma pedagogia teatral onde eu me reconhecesse e também que me possibilitasse perguntas. Para que a persona *Escola* faça sentido e promova encontros.

#### 4 | PONTO FINAL?

Concluo, por ora, que é imprescindível para recriação constante de ser artista/docente ressoar e buscar espaços e pessoas que dão fôlego, cores, movimentos as ações cotidianas do ofício artístico/pedagógico. Assim, perceber-me narratriz/docente se dá na busca por caracterizar as singularidades do meu fazer artístico/pedagógico em diferentes territórios: em palcos (escolas, bibliotecas, ruas, feiras, mostras, congressos, festivais) narrando histórias e na educação básica aprendendo/ensinando teatro, o que contribui para conectar corporalmente as brincadeiras de ser atriz na escola durante a infância com as da narradora profissional que cria mundos para entrar em contato, estar em rede. Nesta criação, tornar o estado brincante possível de ser acionado é uma das ações que me permite inventar narrativas para a sala de aula, mover a persona *Escola* em mim, performar práticas de afeto e atuar no mundo.

#### REFERÊNCIAS

ARAUJO, Valéria Gianechini de. **Da experiência artística a poética docente: ações** estratégicas e táticas de artistas/docentes no ensino universitário de teatro. Chiado Editora, 2016.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles. **O Esgotado** (L'épuisé.) Tradução para o português de Lilith C. Woolf e Virginia Lobo. Paris: Minuit, 1992. In HENZ, Alexandre de Oliveira. Estética do esgotamento: extratos para uma política em Beckett e Deleuze. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica) 2005. Núcleo de Estudos da Subjetividade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FERRAZ, Maria Heloísa C.T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e; **Arte na Educação Escolar**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ICLE, Gilberto. **Pedagogia teatral como cuidado de si**: problematizações na companhia de Foucault e Stanislavski. 30º Reunião Anped, 2007. Disponível em <[http://30reuniao.anped.org.br/grupo\\_estudos/GE01-3062--Int.pdf](http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3062--Int.pdf) > Acesso em 13 de agosto de 2018.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança hoje**: textos e contextos. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MENDONÇA, Célida Salume. **Multiplicidade como princípio: o ensino de teatro na escola** (2007). Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa em Artes Cênicas. Minas Gerais. Anais. p. 243-246.

MIGUEL, Aline Cântia Corrêa. **O educador narrador**: uma trajetória pela palavra e pela escuta. 2017. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2017.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

### B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

### C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

### D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

### E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

## F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

## H

Homogênea 96, 183

## I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

## L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

## P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

## R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

## S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

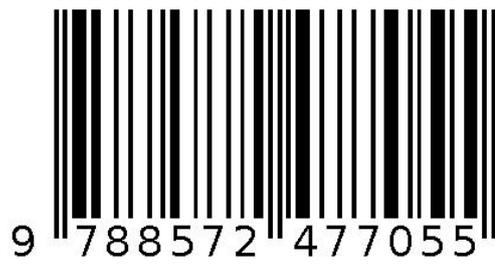
## T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055